

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 8 DE JANEIRO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 106

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
«A Semana».....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	
O 2º anniversario d'«A Semana».....	
Cartas do Olympo—i.....	PHEBO-APOLLO
Uma boa partida.....	AL. AZEVEDO.
Guerra e Paz, soneto.....	F. D'ALMEIDA.
«Livros e Opusculos».....	G. BELLEGARDE.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Os tres cabellos de Bismarck.....	SERGINES.
Tivvassão do infinito, soneto.....	L. DELFINO.
«Simples Historias».....	X. MARQUES.
Numero do «Intermezzo».....	J. DE ARAÚJO.
Musica e musicos.....	GALI-LÉO.
Drama familiar.....	BARÃO RECLAME.
«Cartas de Lisboa».....	E. MONTEIRO.
Anjos, soneto.....	J. DE M. SILVA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Parnaso Alegre, Fructa colossal.....	H. DE MAGALHÃES
Festas, bailes e concertos.....	LONGNON.
Estancias, poesia.....	A. PARAÍZO.
Correio (Declaração).....	ENRICO.
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'«A Semana». Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

A SEMANA

A todos os cavalheiros, assignantes d'«A Semana» e amigos de seus redactores, agradecemos cordialmente as cartas e cartões de anno bom e de hões festas que tivéram a gentileza de nos enviar, retribuindo-lhes penhoradamente os seus votos de felicidade.

Com equal sympathia e reconhecimento agradece «A Semana» os parabens

que pelo seu segundo anniversario recebeu.

Publicamos hoje, como haviamos prometido, a primeira das *Cartas do Olympo*. *Phebo—Apollo* é um dos nossos mais estimados poetas. Aceitando a preciosa collaboração que nos offereceu, demos-lhe, como é nosso costume, ampla liberdade de opiniões, apenas limitada pelas conveniencias de decôro e moderação que sempre temos mantido. Fazendo-o, está visto que não nos compromettemos a subscrever todas as suas opiniões nem a approvar sempre o modo por que por ventura as expenda. As *Cartas do Olympo* são, sobretudo, peças litterarias; e pelo prisma da arte é que, principalmente, devem ser vistas e julgadas.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

— Que calor!

E' esta a exclamação geral e continua nestes tempos que correm. Entretanto já nesta semana choveu, na segunda e na terça-feira; mas a chuva já não pode lutar com a intensidade do sol, este sol abraçador que nos queima e nos torra. Devemos todavia confessar-nos agradecidos á Divina Providencia que manda a chuva, porque ella attentia os efeitos do calor e é talvez a ella que devemos a brilhante ausencia da febre amarella.

Felizes os que podem remontar-se nestes dias torridos ao alto do Corcovado—o oasis d'este Sahara combusto—Lá, sim, pode-se passeiar e dormir á vontade. Por aquellas montanhas alpestres e escalvadas sopra continuamente uma viração agradável e salutar, vinda talvez do Estrangeiro, pela barra, saturada das propriedades hygienicas do largo oceano. E como é doce e vivificador almoçar a gente no jardim do hotel das Paineiras, *sub tegmine fagi*, ao lado do aqueducto da Carioca, sentindo e vendo correr as aguas, num marulho constante, arrastando, como pequenos bateis desgarrados, ora uma folha secca, ora o cadaver brilhante de um insecto doirado. Depois do almoço dá-se um passeio pela floresta ou vae-se caminho do aqueducto até á *Ponte do inferno*, admirando a deslumbrante paizagem da esquerda e colhendo á direita as begonias e os ramos de avenca do caminho; parando juncto á queda de uma cachoeira, bebendo agua apartada em folhas de catê, correndo na plataforma da estrada, marinbando pelos despenhadeiros, encabritando-se pelos rochedos, fatigando-se sem suar, ventarolados sempre pelas acres e perfumadas brisas florestaes, em pleno coração da Natureza; no meio de matias

enormes, á beira de precipicios espantosos, longe do becco das Cancellas e dos pianos urbanos, a duas ou tres leguas das charangas dos botequins, sem ouvir o ruído monotonico dos bonds, sem ouvir o Sr. senador Corrêa e sem ver o Sr. conselheiro Henriques nem alguma das coisas desagradaveis do grande centro populoso.

Quando se volta d'aquellas bandas para o conforto civilizado do hotel traz-se uma fome de mil demônios, e enquanto Mr. Piérre, o gerente, se esguella ao telephone, o *garçon* põe a meza no logar escolhido, por baixo de uma arvore, *sub umbra*, e a gente começa a jantar á tibia luz do sol moribundo, saudado no seu obito pelo grande hymno estrepitoso das cigarras incansaveis, que arrebentam sobre nós num mortal desespero de canto. A' noite, depois de um episodio qualquer—um companheiro myope que se precipita no lago do jardim, outro que deita a correr atraz da bengala, arrebatada pelas aguas do aqueducto,—joga-se uma partida de bilbar e em seguida vae-se para a galeria do hotel conversar, em cadeiras de balanço, gosando o magnifico luar argentino, vendo as mariposas e os besouros endoidecer á volta dos candieiros suspensos, na attracção vertiginosa da luz.

Ali não se sente calor, nem aborrecimento, nem canção. E' uma delicia.

Emquanto eu e alguns amigos gosavamos lá por cima a paz bucolica da Natureza livre e honesta, revolviam-se cá por baixo a cidade nos escandalos e nas patuscadas particulares, publicas e officiaes.

Numa casa de banhos, por exemplo, o consul de uma republica européa era sorprendido no quarto de banho de uma visinha, onde entrara subrepticamente, abrindo uma taboa do tabique divisorio, contra a vontade d'ella, (visinha) pensando encontrar outra pessoa que aquella hora costumava servir-se do mesmo quarto. Aos gritos da visinha, atemorizada por ver Neptuno em piugas, acudio o dono do estabelecimento, cuja presença não deve ter sido muito agradável ao D. Juan marinho.

Al! Aquillo devia ser uma coisa olympica! Depois do banho de mar, com o sangue agitado pelos movimentos natatorios, com a pelle irritada pelo iodo e pelo sal, vir encontrar a *nympha* dos sonhos no desalinho proprio da estancia, a casta Suzana igualmente predisposta pelo salso elemento para as expansões do coração; trocar o heijo amoroso e prohibido, longe da policia e da vigilancia local, seguro da impunidade, na irritante e mutua seducção do crime, invocando a *mamádo* deus vendado e o proprio deus, e pedindo a este o obsequio de espetar alguns palitos nos dois corações amantes, e aquella o de lhes derramar nas feridas

abertas o balsamo suave e capitoso das suas caricias divinas.

Olympico! Olympico... ou denico!

Tomaram hontem posse das suas cadeiras os novos vereadores. Foi passeiar o bando das patótinhas do matadouro, uma das administrações municipaes mais escandalosas que tem tido o nosso municipio. De cada camara eleita espera-se a regeneração municipal e a ordem nos negocios urbanos; mas se lançar mos um olhar para o passado, quasi podemos concluir que as camaras têm sido todas peiores. Será melhor a que hontem começou?

Deixo aqui esta interrogação para que o futuro me responda.

Partiram do dia 5, a bordo do *Valparaíso*, para a Europa, S. S. A. A. imperiaes a priuceza D. Izabel, seu esposo e filhos.

Tudo quanto ha de medalhões e de medalhados nesta Côte reunio-se no arsenal de marinha, ás 10 horas da manhã d'aquelle dia. Era aquelle o local escolhido pelos viajantes augustos para as despedidas dos seus numerosos amigos e admiradores. Eu nunca vi uma pobre senhora indefesa ser agredida por tanto beijo na sua mão aristocratica. Uma verdadeira calamidade. Senhoras, cavalheiros e loiras crianças, todos á porfia disputavam a mão principesca que ha de suster um dia as redeas da cavalgadura rhetorica do Estado, para nella depor o osculo respeitoso da sua adherencia ao systema monarchico que felizmente nos rege. Viam-se ali, além da imperial familia, muitas pessoas gradas, entre as quaes pude notar seis ministros (Não vi o da Justiça), o corpo diplomatico estrangeiro, S. A. R. o principe Obá II d'África, fardado e empennachado, de grande uniforme de alferes, varios senadores e deputados, veadores e medicos do paço, empregados publicos e capitalistas, officiaes do exercito e da armada. Um mundo interessante, variegado, gravibundo, solemne, pittoresco. Havia tambem muitas senhoras feias, algumas bonitas e nenhuma formosa.

Fazia um calor de mil diabos, é o Sr. conde d'Eu, nosso amavel assignante, muito vermelho e muito suado, de chapéo alto, tambem muito suado, na mão—andava de um lado para o outro, muito atarefado. despede aqui, sorri ali, tropeça acolá, sem ouvir nada d'aquelle barulho de vozes e de passos e gritando de quando em quando—Senhorrr Barron de Ivinheima!

O Sr. Barão de Ivinheima, tambem muito vermelhinho e suadinhosinho, apparecia debaixo de um chapéo de dois bicos, alisando ás pressas as suas suicas curtas e brancas, e recebia as ordens do Sr. Conde.

Quando os príncipes iam pelo pátio do arsenal para o cas de embarque, deu-se uma scena verdadeiramente pathetica, que a principio horrorisou e depois consternou os assistentes; Seguiam suas altezas tranquillamente, á frente do filho dos grandes do Estado, com os olhos fitos no ceu purissimo da patria, começando talvez a sentir no coração as primeiras saudades e nas glandulas lacrymas as primeiras perolas nestalgicas do apartamento,— quando se lhes atirou na frente o vulto gigante do principe Obá, aquelle mesmo II d'África a que acima me referi. O Sr. conde d'Ítu levou instinctivamente a mão ao lugar onde costuma dependurar-se a sua espada gloriosa, mas encontrou apenas o cóo das calças. Também ns intenções do collega eram pacíficas: o que elle queria, o malandro, era também beijar a mão da augusta princeza e deitar para ni umas cantigas, rimadas na vespem; felizmente não teve tempo para tudo e contentou-se de beijar a mão da princeza, nperatar a do collega, desejar a todos boa viagem, com vento de feição no má undoso e vorta breve ás plagas do *Brazi*.

Depois d'esta scena commoventissima, a familia imperial e o Sr. Dr. Ramiz Galvão, carregando o principe pequenos, embarcaram na galeota imperial, acompanhados de varias pessoas, das gradissimas.

Quando a imperial embarcação começou a mover-se nas aguas limpidas do Guanabara, S. A. o principe Obá,— ainda o II d'África— levantou os vivas do estylo, aos quenes corresponderam quatro homens de hõa vontade, sendo o mais entusiasmado d'elles aquelle que tem hoje do alto d'estas pyramides a honra de desejar galernos ventos em mar de rosas aos futuros commandantes da nau do Estado.

FILINDAL

O 2º anniversario d'«A Semana»

Verdadeiramente o anniversario d'«A Semana» é no dia 3 de Janeiro, porque foi naquelle dia, do 1885, que o seu primeiro numero appareceu; mas parece-nos razoavel que se considere dia anniversario naquelle que appareceu o primeiro numero de cada anno. Foi o que fizemos d'esta vez e é o que faremos d'oravante.

Assim, sendo no dia 1.º que se publicou o nosso primeiro numero d'este anno, como viessem nesse dia cumprimentar-nos e snudar-nos varias pessoas, amigos, collahoradores e affeccionados, improvisámos aqui mesmo nas nossas salas um modesto banquete, que esteve animadissimo e ao qual tivemos o prazer de ver que assistiram varias pessoas de elevada posição social. Podemos citnr, entre outras, as seguintes:

Pela redacção do *Jornal do Commercio*, os Srs. Drs. Pederneiras e Carlos de Laet; pela *Gazeta de Noticias* os Srs. Drs. Ferreira de Araujo e Dermeval de Fonseca; pelo *Paiz* os Srs. Visconde de S. Salvador e Quintino Bocayuva; pelo *Diario de Noticias* os Srs. Dr. Osner Pederneiras e Paula Ney; pelo *Rio de Janeiro* o Sr. Dr. José Avelino; pela *Italia* o Sr. Dr. Fogliani; pela *Gazeta da Tarde* os Srs. José do Patrocínio e A. Guanahara; pela *Revista Illustrada* os Srs. Angelo Agostini e Luiz de An-

drado; pelo *Mequetrefe* o Sr. Pereira Netto; pela *Vida Moderna* os Srs. Dr. Luiz Murat e Arthur Azevedo; pelo *Rataplam* os Srs. Lopes Cardoso o Bolmiro de Almeida; estiveram também os Srs. Visconde de Paranaguá, Barão de Paranapiacaba, ministro da Republica Argentina, ministro do Chile, consul francez, Sagastume, Dr. Rosendo Moniz, Barão de S. Felix e muitas outras pessoas gradas. Também nos honraram com suas presenças os nossos excellentes collahoradores Drs. Henrique de Sá e Gonzaga Filho, Machado de Assis, Alherito de Oliveira, Olavo Bilac, Cyro de Azevedo, R. Porciuncula, Rodrigo Octavio, L. M. Bastos, Bernardo de Oliveira e outros.

Durante o banquete foram recebidos e lidos os seguintes telegrammas:

De Lucio de Mendonça, Valença:
— «Saúdo com entusiasmo *Semana* e abraço Valentim e Filinto.»
De Raymundo Corrêa, Vassouras:
— «Cumprimento e felicito Valentim pelo anniversario de sua filha mais...» — *A Semana*.»

De Wenceslau de Queiroz, Jacaréhy (S. Paulo):

— «Um abraço aos redactores do primeiro jornal litterario do Brazil pelo faustoso e brilhante dia de hoje.»

— De Gaspar da Silva e Leo de Affonseca, S. Paulo:

— «Viva *A Semana*! Viva o Valentim! Viva o Filinto! e viva o *Mercantil*, que os sauda hoje com furor.»

Ao terminar o hauquete, quebrou-se a ultima taça de *champagne* depois que o Dr. Rodrigo Octavio recitou o seguinte soneto:

*A' amiguinha «Semana», que hoje um anno
Jas juncta ao rol dos annos seus e que ha de
Por toda ter a toda a eternidade,
Saudar eu venho, o aspecto grato e ufano.*

*Toma a palavra, Musa, e ao soberano
Apollo pede que ella sempre agrade,
Tanto mais moça quanto mais edade
Augmente, e nem por sombras pense em danno.*

*Pede-lhe bellas cousas, cousas puras
De estylo, ás quaes em graça nada eguale:
Deseja-lhe depois, mil e uma vezes,*

*Felicidades mil e mil venturas
Do amigo poeta, que de nada vale,
Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes.*

1 de Janeiro de 1887 —

Foi uma festa em que a simplicidade correu parellas com a amabilidade dos conyivos que nos honraram com a sua animação pessoal e com o prestigio do seu nome.

Uma pandega!

CARTAS DO OLYMPO

I

Que a Terra, de Oeste a Leste,
Do Norte ao Sul, polo a polo,
Ouça a critica celeste
Das rimas de ouro de Apollo.

Notae que as rimas são de outro:
Dae-lhes todo o vosso apreço.
Nunca Banville thesouro
Possuin de tanto preço.)

Retomo a lyra que outrora,
Nos saudosos tempos idos,
Ora era em supplicas, ora
Se desfazia em gemidos.

Ha quanto tempo não pouso
N'ella os meus dedos divinos:
Depois de tanto repouso
Sóem de novo os meus hymnos.

Ai! pobre lyra, que brada
De tão velha! As cordas rugem
Na armação rota, quebrada,
Roida pela ferrugem;

Mas inda assim, que suaves
As estrophes, de uma em uma,
Saltam como um bando de aves,
Abrindo os iris da pluma!

E que nectar doce mana
D'estas redoudilbas que armo!
Recebe-as, linda *Semana*!
Alerta, rua do Carmo!

Homens! Do Olympto mergulho
O olhar no pantano immuudo
Que habitaes, filhos do orgulho...
Homens! fallemos do mundo.

Sabei que, de quando em quando,
Chegam a esta eminencia,
Pelos espaços echoando,
Novas da vossa existencia.

Não é á tóa que, abrindo
As igneus palpebras, velam
As estrelas, descobrindo
O que depois me revelam.

Ingenuas estrellas puras!
Antes nada, nada ouvisséis,
Nem essas cousas impuras,
Adivinhasseis ou visseis!

Fôra bem melhor... Comtudo,
Astros, conta-me o que ouvirdes;
E diverti-me com tudo
Que adivinhardes ou virdes.

Fallemos da terra. A terra
Está desmoralisada:
Pois se até se occupa e aterra
Com cousas que valem nada:

Por exemplo: inda se falla
No temperamento bilio—
— nervoso e na atroz bengala
Do senhor doutor Abilio.

Ah! como inda hoje o negocio
Do tal menino diverte
Os deuses, bebendo, em ocio,
O nectar que Hebe lhes verte!

Celebre caso foi este,
Que alvorogou todo o Olympto.
Doutor, em que te metteste!
Vamos tirar tudo a limpo:

Um pedagogo, aos sopapos
Avesso, puo entre os puros,
Vi-se ahi mettido em papos
De aranha e em serios apuros.

Nunca a mão d'este illustrado
Mestre, exemplo de brandura,
O cabo duro e instrado
Vibrou da ferula dura.

Um dia... Adeante! — «Mis morra
O sicario!» — o povo em ancia
Brada — «mettam na masmorra
O bate-costas da infancia!»

Em resposta, o doutor urra,
E a justa raiva não doma:
— «Nem men collegio é Suburra,
Nem Botafogo é Sodoma!»

E tudo porque um sujeito,
Um homem de tenra idade,
Mudando ás cousas o geito,
Fugiu da vulgaridade!

Mas... prudencia! Calo-me, antes
Que a Terra honesta me enxote;
— Tão honesta que Cervantes'
Castra, e emenda o D. Quichote.

Por hoje calo-me, e passo
A vos enviar, por estas
Linhas, atravez do espaço
As divinas boas-festas.

Que vos ajude o destino:
Dê allivio — ás vossas dores,
A's vossas mulheres — tino,
Brandura — aos vossos credores.

PHEBO-APOLLO.

UMA BOA PARTIDA

— Su'ama está em casa, rapariga?
— Está, sim senhor. Tenha a bondade de dizer quem é.
— Diga-lho que é naquella pessoa que ella espera para jantar.
— Ah! Pôde ontrar... Minh'ama vem já.

Entrei, e reconheci n salota onde ou d'ntes tantas vezes fóra recebido pela viuvinha do genornl.

Quanta recordação! Uma noite via no Club de Regatas; apresentou-n'a um jornalista então na moda; d'ausamos e conversámos muito. Ao despedirmo-nos, ella com um sorriso disse-me que costumava receber nos domingos os nmigos em sua casa e que eu lhe apparecesse.

Fui, e um mez depois eramos mais do que amigos, eramos amntes.

Adoravel crenturinha: simples, intelligente e meiga; no entanto, o meu amor por ella fóra sempre um tanto frouxo e preguiçoso; accetava a sua ternura como quem accettn um obsequio de cortezia. Teria por ventura o direito de recusar-a?...

E, assim como nascoram, acabaram os nossos amores; uma occasião cheguei tarde de mais á entrevista; de uma outra vez lá não fui; depois esperei-a e ella não veio; até que um dia, quando dei por mim, reparei que já não era seu amante.

Seis mezes já lh se iam depois d'isto, e eis que uma bella manhã, ao levantar-me da cama, entregam-me uma carta.

Era della.

« Meu smigo.

« Sei que conserva ns unhnas cartas e peço-lhe que m'ns rostita. Venha jantar commigo, mas não se apresente sem ellas; é um cnso serio, acredite.

« São vinte. Não me falte, sim? »
« E conte com a estima de quem lhe espere merecer este ultimo obsequio. Ahanço-lhe que será o ultimo.

Sua amiga.

Laura.»

— Para que diabo quereria elle as suas cartas?... Teria receio do que eu as mostrasse a algum?... Impossivel!
— Principavam-me a nascer estas considerações, quando rasgou-se a cortina, e a viuvinha do general surtiu na sala.

— Com effeito! disse ella. — Só assim o tornaria a ter em minha casa! Bons olhos o vejam!

— Eu me havia levantado já, beijei-lhe a mão.

— Trouxe? perguntou.
— Suas cartas? Pois não. Bem sahe que para mim as suas ordens são sagradas...

— Ainda hem. Sente-se.

Sentamo-nos ao lado um do outro; ella rescendia a um cheiro muito agradável de Kananga do Japão e sahonetes inglez; tinha um vestido de linho enfeitado de rendas, e na frescura avelludada do collo hispava-se-lhe um medalhão de onix.

— Então, que phantasia foi essa?... interroguei depois de um silencio em que nos contemplámos com o mesmo sorriso.

E no intimo já estava gostando de haver lá ido. Achava-a mais galante, quasi que me parecia mais moça o mais bonita.

— Que phantasia!...

— A de exigir as suas cartas...

Ella fez do seu meio sorriso um sorriso inteiro.

— Tinha receio de que algum as visse?... perguntei, tomando-lhe a mão entre as minhas.

— Não. Sei que é cavalheiro...

— Então?

— Mas para que deixal-as lá?... Está tudo acabado entre nós...

E retirou a mão.

Eu cheguei-me mais para ella.

— Quem sahe?... disse.

Laura soltou uma risadinha:

— Você ha de ser sempre o mesmo! Não se lembraria de mim se não recehesse o meu hilhete... Typo!

— Não digas tal, que é uma injustiça!

— Espere! Tire a mão da cintura! Tenha juizo!

— Já não te mereço nada!...

— Deixe em paz o passado, e tractemos do futuro. Eu quero que você seja meu amigo!

Dizendo isto, ella se erguera e fóra abrir uma janella que despejava sobre o jardim.

— Então está tudo acabado? Tudo?! inquiri erguendo-me também e envolvendo-a no meu desejo, que aliás nunca houvera sido tão grande nos outros tempos — E' que definitivamente o demónio da rapariga estava muito mais formosa! Nunca tivera aquelles hoinbros! aquelle sorriso tão sanguineo! e aquelles dentes tão brancos! Seus olhos eram outros; estavam humidos, mysteriosos, quasi bregueiros! o seu cabello parecia mais negro e mais lustroso! a sua pelle era mais pallida, com uma frescura de magnolia! os seus movimentos haviam ganhado inesperada sedução; o seu quadril havia enrijido de um modo surpreendente; o seu collo tomara proeminencias irresistiveis!

— Então tudo acabado, hein?... — Tudo! — Tudo, tudo? — Você assim o quiz, meu amigo! — Já lançar-me aos seus pés; ella desviou-se; puxou duas cadeiras para junto da janella e pediu-me que a ouvisse com attenção.

— Sabe porque lhe pedi as uinhas cartaa?... — Porque? — Porque me vou casar... — Como? A senhora disse que se ia casar? — Dentro de dous mcees. — Com quem, Laura? — Agora já nenhum de nós dous ee ria. — Com um negociante de secos e molhados...

— Portuguez? — Ella meneou affirmativamente a cabeça; eu fiz um tregetido de bico com os labios e puz-me a sacudir a perna. — Está boni! — Quo quer! Uma senhora nas minhas condições precisa casar... — Ora está! Um vendeiro! — Que me ama muito mais do que você; tanto assim que está disposto a fazer o que você não teve a coragem de fazer. E juro-lhe que snberei merecer a confiança delle; serei o modelo das esposas!

— Olhei-a. — Não seja tolo! disse ella em resposta no meu olhar. — E foi lá parn dentro. — Só nos vimos meia hora depois, já á mosá.

— E as cartas? pediu-me ella. — Tirei-as do bolso, desatei-lhes a fitinha cor de rosa que as atava; contei-as; estavam todas as vinte, methodicamente numeradas, com as competentes datas em cima, escriptas em letra boa.

— Mas não tive animo de entregá-las. — Olhe, disse, trago-as em outro din. — Se as entregar agora, que pretexto posso ter para voltar cá? — Hein? Como? Isso não é de cavalheiro...

— Não sei! Quem a mandou ficar mais seductora do que era? — Está então disposto a não me entregar as cartas? — E até a servir-me d'ellas como arma de vingança!

— Laura fez-se muito seria. Tíhmos já cruzado o tnlher da sobromesa e bebiamos a nossa ultima taça de champagne. — Calámo-nos ambos. — Eu accendi um charuto e apastei a cadeira para junto da d'ella.

— E' melhor ser miuha amiga... segredel, passando-lhe o braço na cintura. — Não desejo outra coisa. balbucion n viuva — E peço-lhe justamente que soju meu amigo...

— Eu lhe entrego as cartas... Descance. — Então dê-m'as. — Com a condição de prolongarmos este jantár até mais tarde. — Mas...

— E' fazermos um pouco de musica, como d'antes... — Jura? — Dou-lhe a minha palavra de honra. A minha visita prolongou-se effectivamente, e no dia seguinte, pela manhã, a viuva exigia de novo as suas cartas.

— Abri o pacote, contei dez. — E' a metade; ahí ficam! — Como a metade? — Pois acha-me tão tolo que as entregasse todas? E em troca de que lhe pediria depois que prolongasse um outro jantár?... — Isso é uma velhacada!

— Seja! — Estou quasi não acceitando nenhuma.

— Eu vir-lhe-ei offerecer as outras d'aquí a uma semana...

— Tratante! — D'ahi a uma semana, com effecto, lá ia eu com as dez cartinhas na algibeira em caminho da casa de Laura. — Coitada! Não recebeu as cartas, recebeu cinco!

— E na seguinte semana recebeu apenas duas, e nas outras que se seguiram só recebeu uma de cada vez. — Ah! mas ninguém poderá imaginar qualera a miuha allicção ao desfazer-me da ultima carta. Um jogador não estaria mais commovido.

— Já ficar arruinado; já ficar perdido, desamparado, já ficar sem Laura! — O espectro do negociante de secos e molhados aurgio-me á imaginação. — E eu já a amava, já a extremava loucamente; já não podia passar sem ella. Cortei a carta ao meio.

— Aqui tem, disse, passando-lhe a metade da folha de papel. Ainda teubo direito a um almoço e a metade de uma noite em sua companhia... Peço-lhe que me deixe voltar...

— Laura sorriu, e só então reparei que meus olhos estavam cheios d'água. — Queres que eu te passe de novo o baralho? perguntou ella. — Se quero? Isso tem se pergunta! — Mas é com uma condição...

— Qual. — Só tornaremos a jogal-o, depois de casados, serve-te? — E o vendeiro? Elle não tem cartas tuas?... — Tranquillisa-te que eu escrevi só a um homem, que és tu.

— Então accetto, e, como ainda tenho direito a um almoço, não preciso sahir já. — Uma semana depois, Laura me dizia á volta da igreja:

— Mas, meu querido, como queres que eu te mostre uma pessoa que não existe? — Como não existe? Pois então o teu noivo, aquelle burguez, cujo retrato trazias áquella tarde na medalha de onix?

— Nunca existio; aquella photographia é do meu jardineiro. — Então tudo aquillo foi...? — Foi o meio de arrastar-te para junto de mim! tolo, e reconquistar o teu amor, que é só o que ambiciono neste mundo.

ALUIZIO AZEVEDO.

GUERRA E PAZ

Queima-me o ardor dos olhos teus, enquanto Juras amar-me, e com vehemencia o juras; Já não são para mim as aventuras Que inda ha bem pouco me agradavam tanto. Cerrei o dique ás languidas ternuras, Dos trambulhões passados me elevando; Não me peças amor, que amor, portanto, Já t'o não posso dar como o procuras.

Esta alma, que em mim vés, não me pertence: Tenho-a em penhor da minha, que anda agora Por longas terras que eu desejo em vão.

Mas se a tua alma ardente não me vence E para nós do amor não surge a aurora, — Guerra aos sentidos, paz ao coração.

25 de Dezembro de 86.

FILINTO D'ALMEIDA.

« LIVROS E OPUSCULOS »

Com este titulo tem a publicar o illustrado Sr. Guilherme Bellegarde, o considerado auctor dos *Subsidios Litterarios* e dos *Vocabulos e Locuções*, uma obra de grande valia como fonte de indicações bibliographicas. A gentileza do erudito e correctissimo escriptor deve á *Semana* a publicação do seguinte excerpto:

« Temos fallado de livros raros e, na mór parte, antigos; vamos tratar de livros modernos, começando pelos que adoptaram a denominação — *Steeple-chase*.

D'estes passamos a mencionar um spacim na bibliographia franceza, outro na bibliographia brasileira. I Na litteratura franceza:

« *La croix de Berny, roman steepie-chase*. Paris, 1866.

E', escripto em editoros, « *œuvre unique en son genre, qui a pris sa date, et qui restera comme une des plus curieuses pages de l'histoire litteraire de ce temps.* »

Foi, accrescentou, luzido torneio litterario em que alternativamente quebraram lanças: — Ma lame de Girardin, com o pseudonymo *Irène de Chateaudun*, Mère, com o de *Roger de Mombert*, Theophile Gauthier, com o de *Edgard de Merlim*, e Julio Sandeau, com o de *Raymond de Villiers*.

II Na litteratura brasileira: « *A Casa da Canelleira (Steeple-Chase)* por uma boa duzia de esperanças » S. Luiz (Maranhão) 1866. (*)

Escripto em sociedade, como a *Croix de Berny*, pelos collaboradores cujos nomes vão declarados adiante:

Flavio Reimar — Gentil Honeta de Almeida Braga.

Pietro de Castellamare — Joaquim Serra.

Pedro Botelho — Raymundo Filizzeiras.

James Blumm — Trajano Galvão de Carvalho.

Rufo Salero — Antonio Marques Rodrigues.

Nocodemus — Francisco Sotero dos Reis.

Juanel de Babel-Mandeb — Antonio Henriques Leal.

Stephens Van-Ritter — Francisco Dias Carneiro.

Ivan Orloff — Caetano C. Cantanhede.

Conrado Rotenski — Joaquim de Souza Andrade.

Com relação a livros e outras publicações anonymas muito se ha escripto. Barbier, no *Dictionnaire des anonymes et pseudonymes*, e Querard, nas *Supercheries litteraires dévoilées*, tratam amplamente de assumpto. De muitas das obras que apparecam anonymas é hoje conhecida a autoria. E' do dominio publico, por exemplo, que a Pascal pertencem as *Letras provinciales*, a Voltaire o *Essai sur les mœurs*, ao marquez de Mirabeau, pae do famoso orador, o *Ami des hommes*, etc.

Ainda, porém, é enigma bibliographico a autoria da *Imitação de Jesus Christo*, « le plus beau livre qui soit sorti de la main de l'homme, puisque l'Evangile n'en vient pas », na expressão, de encarecido louvor, de Fontenelle.

Releva, entretanto, observar que esse memoravel livro foi pela primeira vez dado á estampa (acompanhamos Vapereau no *Dictionnaire des litteratures*) de 1408 — 1472 por Zainer em Augsburgo.

Esta circumstancia pôde explicar como a autoria ha escapado ás perquisições dos bibliognostas, bibliographos e bibliophilos. Mas, no seculo XIX, nos annos da graça de 1864 — 1867, em Paris, — no *foyer de la civilisation et de la corruption*, segundo George Sand, pseudonymo da baroneza Dudevant — Aman-tiue Lucile Aurore Dupin, dilo Joliet nos *Pseudonymes de jour*, — apparecam successivamente seis livros attribuidos a escriptores de primeira plana, e não se poder disveular o anonymo é caso que desafia curiosidade e reclama especial menção. Pois bem; foi exactamente o que succedeu com o autor, de cuja penna sabiram, com o pseudonymo L'Abbé:

Le maudit, 1864

La religieuse — idem.

Le Jesuite, 1865.

Le moine — idem.

Le confesseur, 1866.

Le curé de campagne, 1868.

Este romance trouxe a seguinte prefação: « *Le Curé de campagne* » termine la première série de mes livres « *le Maudit, la Religieuse, le Jésuite, le Moine, le Confesseur* ».

(*) Outros romances do mesmo genero foram feitos ou iniciados entre nós. Lembremmos: —

A Flor de couve, em S. Paulo, no dia-rio *A provincia de S. Paulo*, em 1877. Nellie escreveram Lucio de Mendonça, Pitta de Castro, Affonso Celso Junior, Brazilio dos Santos, Carvalho Junior, Tb. Dias e outros.

O Embróglio, no diario *O Combate*, em cuja confecção entraram, escrevendo *au jour le jour*, Lopes Trovão, Adelino Fontoura, Dantas Junior, Arthur de Oliveira, Filinto de Almeida, Valentim Magalhães e muitos outros;

O Russinho, na *Comedia*, diario de S. Paulo, em 1881, por Eduardo Prado, Raul Pompeia, Valentim Magalhães etc. N. da R.

« Il est temps que je fasse halte. Je ne voudrais pas être une fatigue pour ces amis innumérables qui ont bien voulu s'apathiser avec un inconnu. J'ai besoin de me recueillir un peu longuement. Ils auront, plus tard, « les Theatres », œuvre capitale dans ma pensée, que j'ai méditée depuis de longues années, et que je cicisla avec la patience d'un artiste amoureux de son art. Je voudrais que mes « Theatres » surpassassent encore en intérêt « le Maudit » et ceux de mes autres livres qui ont le plus approché, par les idées et par le style, de ce premier essai. L'un d'eux, qui s'était cru une autre vocation que celle de produire de ces œuvres passionnées qui s'appellent romans, « le Curé de LAUTRE », »

Decorreram annos e, em 1870, pessoa que tinha voto autorisado nos domínios da bibliographia, Manoel de Mello, assim se exprime:

« Nenhuma das conjecturas feitas acerca da anonymia d'estes livros adquiriu até hoje grau de certeza e provavelmente o verdadeiro nome do seu auctor continuará a pertencer ainda algum tempo ao numero dos enigmas bibliographicos.

« La voix commune nomme l'abbé Michon », dizia Vapereau em 1864. G. d'Heilly, advertindo agora que a paternidade de taes romances fora incorrectamente referida a Donaldien (o padre Deléon), necrescuto. « M. Ubbich a passé d'abord pour l'auteur du « Maudit », il s'en est vivement défendu; on a ensuite attribué le roman à M. Erdan, du « Temps », qui a vertement protesté dans le journal « l'Événement » contre cette odieuse insinuation. N'act-on pas été aussi jusqu'à imprimer que Mue. Sand et l'un de ses secrétaires, M. Mancau, avaient pétré de connivence cette misérable élucubration, à laquelle on assurait en même temps que Victor Hugo avait aussi travaillé? »

G. BELLEGARDE.

COPRE DAS GRAÇAS

Na roça, um padeiro, tendo-se-lhe queixado um pacovio de certa enfermidade, aconselhou-lhe que tomasse uma absurda tisana.

— Mas eu tomando isso, ficarei bo: — Completamente; garanto-lhe. — Mas... quem é senhor? — Não tem ouvido falar muitas vezes num tal formulario da Chermu-viz? — Tenho, sim. — Pois sou eu.

Junto ao buffet, em um sumptuoso baile.

E, offerecendo ao Dr. X. um copo de cerveja.

— Doutor, mais um pouco de cerveja. — O doutor, muito grave, como quem não bebeu nada.

— Obrigado; já tomei duas chicharas.

Cunulo do impossivel: Ler-se o seguinte epitaphio: — « A Sra. Dona Fulana — Saudade de seu genro. »

— Não complimentas mais o Cirjoso? — Não: é um *traste*. — Mas elle tem te prestado favores. — Sim, emprestou-me uma vez cincoenta mil reis; mas de outra vez negou-se a me emprestar egual quantia. Já vés que não lhe devo nada.

No *Gil Blas* de 26 de Novembro publicaram os famosos fabricantes do *savon des Princes du Congo*, Vaissier Freres (Rue Lafayette, 37) a seguinte original e curiosa *réclame*:

« En brisant de ses noirs l'odieux esclavage, L'empereur du Brésil les soumit au lavage; « Le savon qui choisit l'illustre Dom Pedro « N'est autre que celui des Princes du Congo.

Aqui temos nós mais um pecca na maneira falsa e erronea por que são julgadas as consas e pessoas do Brazil em França.

Dois graves erros commetteram os

illustres saboneteiros naquella rídicula primeira pensarem que o imperador do Brazil quebrava a odiosa escravidão dos negros; segundo—que, depois de libertos do jugo do captivo, elle os sujeitava da barra. Dupla illusão! S. M. não liberta os escravos do seu paiz, e nem — ao menos — os eusnôb!.

BIBLIANO.

OS TRES CABELLOS DE BISMARCK

Com este titulo corre na Italia a seguinte lenda, que nos revela os mysteriosos motivos pelos quaes o celebre chanceller quer absolutamente a paz.

Estamos em 5 de Setembro de 1885. Ha rumor em Berlim. Acabam do ser recebidos despachos de Madrid, relativos aos incidentes das Carolinas: «Aquelles canallhds de Dons Quichotes têm a nudacia de insultar a rainha das nações!... E' mais do que audacia, é loucura!... E' necessario ensinál-os a viver. Avante com os uhlanes e com os cunhões Krupp!... Guerra! Guerra!... E' preciso que esta miseravel Hespanha sniba quanto custa metter-se com a gloriosa Alemanha!... «Eis o que se diz por toda a parte sob as Tiltas, nas cervejarias, nos gremios, nas casas de familias, nos quartéis e na corte.

Emquanto isto se passa, quatro personagens estão reunidos no gabinete de trabalho do castello imperial: O imperador Guilherme, o principe herdeiro, o feld marochal Moltke e o chanceller. Espreitemos a attitude das quatro pessoas alli reunidas—um medindo a sala a grandes passos, o imperador; o outro, mordendo raiosamente a ponta do charuto, que é, naturalmente, um puro Havana, o principe herdeiro; no terceiro, fulminando com o olhar a península Iberica, reconhece-se, sem difficuldade o feld marochal. — Quanto ao principe de Bismark, é elle o unico que guarda uma calma relativa, ainda que esteja tambem dolorosamente impressionado com o ultrage feito pela Hespanha á honra allemã.

E' o imperador o primeiro a falar. Escusado é dizer-se que opina pela guerra. O principe herdeiro e o conde de Moltke não admittem que se demore dois minutos a declaral-a. O principe de Bismark, porém, guarda silencio «ahanando a cabeça e torcendo os bigodes». Esta attitude exaspera, por ultimo, os tres interlocutores que lhe perguntam ironicamente se elle tem medo da Hespanha ou do enjô; e Bismark, impassivel, contenta-se com dizer que, se a guerra for declarada, elle pedirá demissão. O imperador insiste; quer absolutamente conhecer os motivos dessa decisão. Por ultimo o chanceller resolve explicar-se; mas para que isso lhe seja possível, carece rememorar os principiaes da sua carreira politica.

«Na noite seguinte ao dia em que fui eleito deputado tive um sonho: Um guerreiro germano da era romana, gigantesco e bello, appareceu-me, ergueu-se deante de mim, sorriu-se e disse: Havemos de nos tornar a ver. » E' nisto desappareceu sem me dar tempo de lhe perguntar o nome. Esqueci esse sonho; mas, em 1851, viajando pela Pomerania, recebi a nomeação de encarregado de negocios da Dieta Federal; e na noite seguinte torneia ver em sonho o mesmo guerreiro. «Otto, me disse elle, mais um passo e mettemos mãos á obra. » Estn segunda appareção impressionou-me ainda mais fortemente que a primeira; talvez n'isso se deva a audacia que eu tive de dizer ao rei Frederico, quando por elle fui recebido em Sans Souci: «Senhor, em todas as occasiões vos me podeis experimentar. Em 1853 vossa magestade succedeu a seu real irmão; dignou-se então chamar-me de Paris onde exercia eu as funções de embaixador para confiar-me a presidencia do conselho, favor insigne com que me tem distinguido até hoje. Nesse dia deu-se a terceira appareção e o guerreiro me disse: «E' obediã a occasião. Vem: espero-te na floresta de Teutherg!... » Teutherg?! Esse nome me dizia quem era o archaño de quem acabava de receber a visita:

Arminius, o heroe da minha infancia o da minha juventude—o vencedor de Varus. Segue-se depois um scena um pouco dantesca, mas bastante insipida. O Sr. de Bismark vai á floresta de Teutherg, encontra-se ahi com o espirito de Arminius, cercado de todos os seus guerreiros, e por elle sabe que está destinado a realisar a unificação germanica. «E's tu, Bismark, quem Dous escolheu para esta obra, por causa do minor que tens á tua patria e pela força e persistencia do teu genio; mas escuta, irmão, o que me resta a dizer-te: Deus não te permite desembatuhar a espada mais de tres vezes.

Ouve bem: só tres vezes. Uma quarta guerra seria desastrosa, fatal ao teu paiz. Aproveita, pois, estas tres unicas occasiões; farás, depois, pela grandeza da Alemanha o que julgares conveniente, sempre, porém, com a espada na hainha e o ramo de oliveira na mão. » E' nisto Arminius, querendo legar ao seu discipulo um momento duradouro da sua recommendação, põe-lhe a mão sobre a cabeça, despoja-o do magro vélo que ainda ali havia, deixando-lhe apenas tres cabellos. «Estes tres cabellos resistirão a tudo, disse elle, e até ao teu ultimo dia de vida recordar-te-ão o aviso que te dou em nome de Deus para a salvação da Alemanha... E agora mãos á obra! Caminha direito ao alvo e que nada te detenha!...

— Ponto por ponto se realisoa a prophécia; ninguém melhor do que vós, Senhor, o sabe, continuou o chanceller, dirigindo-se ao imperador. A primeira guerra foi a de 1864 contra a Dinamarca; a segunda a de 1866 contra a Austria e a terceira a de 1870 contra a França. A unificação da Alemanha está feita e muito bem feita. E agora sabeis, Senhor, porque não quero por preço nenhum empiehar o paiz n'uma quarta guerra.

O imperador ouviu em silencio tudo quanto lhe disse o chanceller, cedeu a tão hoas razões e deixou-o resolver, como entendesse, a questão das Carolinas.

— Que dirá o mundo, vont-lo nos ceder assim ás ameaças da Hespanha? exclama o principe herdeiro.

— O que diria de um leão que desprezasse os latidos de um fraldiquero! replica o imperador. E, com estas palavras bem pouco lisonjeiras para a generosa Hespanha, dissolve-se a sessão.

SERGINES.

INVASÃO DO INFINITO

Ambiziozi miei folli pensieri...
Mebastasio

Oiha... Ouvez meu hymno, o hymno eterno, o hymno que a esphera rasga, e ascende, e entre as estrellas fica

Como outra estrella, que teus passos magnifica,
E encima a ode immortal do teu nome divino?

Ouvez?... Sabe: nesta obra eu lido e me obtino:
Babylonia de sons atiro aos astros, rica
De faustosos vergeis; — um trecho peregrino
De universos o amor idealista e fabrica. —

Sois della, orbes de luz, cathedras de harmonia
Em pedacos de ceu, ferica arcaria
De volutas, que o ar recorta, e que o infinito

Toma nos turbilhões sideres dos seus braços,
Ante os quaes deus recua e busca outros espacos,
Vendo os sóes de outro deus, e a invasão d'outro
mitol...

LUIZ DELFINO.

SIMPLES HISTORIAS

Da pequena mas vulgosa obra que, com este titulo, publicou o Sr. Xavier Marques, na Bahia, e de que demos noticia sabhado passado, extrahimos o seguinte interessante conto, que servirá para se aferir do valor do livro:

O LAVRADOR

Em largo estendal marchetado de vegetação exuberante mas intermitente, alonga-se o campo onde passa toda a sua vida a lavar o agreste roceiro.

Em torno, como um assedio de gigantes, levantam-se, mais ou menos direitos, os troncos d'arvores da floresta.

O camponez trabalha solitario; a trechos endireita a espinha e alonga a vista, uoio absorto, pelos longes esfumados da mata, alisando amorosamente o cabo da enxada.

Seu amplo peito nu, cordoso e requeimado como o peito de um tigre, poreja copioso suor; e pela testa cheia de rugas, onde parece persistir algum pensamento que o vexa, vai repassando a mão calçada, até levantar pela aba o chapéo do couro, afim de receber um pouco de ar.

Dexa-se assim ficar por minutos; mas depois, compellido como que por braço invisivel, á semelhança da hesta a trotar com estranhos ronquidos sob o rebenque do carguoiro, dobra-se outra vez, a rosmungar, e recomeça a ingrata faina da lavoiira.

Lucta com a resistencia do solo, regando-o com o suor do seu rosto, conforme a condemnação biblica.

E a tarefa custa-lhe tanto e tanto, que já não duvida estar cumprindo uma sentença.

Se bem que a necessidade com sua caranca medonha tanja-lhe sem cessar as discipulas do modo mais categoricamente convincente, a alma rustica do camponez nunca se persuado com os argumentos da necessidade; e se o braço obedece — a alma conserva-se revoltada, insubmissa, trahindo-se inaquellas salientes rugas que já nenhum prazer desmancha.

Qualquer dos aspectos campestres, das indadas bellezas naturaes, dos ruidos monotonos mas encantadores, como, de aguas correntes, de passaros alegres a chilrear, de ramadas sacudidas pelos ventos; qualquer d'essas musicas e paizagens agrestes que tanto possuem de atrahente para nós da cidade, não passa de enfadonha banalidade para aquelle leão da mata, de juba aleonada pelos fogos do sol e tez curtida pela friagem do sertão.

Como! disse commigo, ao vel-o constantemente curvado, sem prestar attenção áquelle mundo de coisas e seres adoraveis de exquisitice e poesia pastoril, circumstante...

Aqui, sobre esta moita, um bando gritador de jandaíais, uma nuvem de cór verde-clareo d'onde sahe a gralpada confusa como vozes triumphantes após um assalto, bem succedido; ali a fronde viçosa de não sei que arvore nova a bambolear sobre a virgulta flexivel que lhe serve de haste, e d'entre a barafunda das ramagens, amarellejando como uma flor de algodoeiro, um canario carinhosamente occupado em tecer seu ninho de fibras e garavetos; mais além, tranquillamente, pastando a herva, manadas em harmoniosa promiscuidade, e a mesclar a tela verdejante — a alvura dos carneiros lanuzados e o bello liso arruivado dos novillos.

Nenhuma d'essas perspectivas, d'esses quadros de natureza viva, impunha-se com seu prestigio pinturesco aos sentidos do camponio, que todavia huscava, nos momentos de repouso, o que quer que fosse que lhe parecia despontar a toda a hora de um dos trilhos d'ruosos da mata.

E desenganado sempre, com a impaciencia do que atormentado pela insomnia aguarda os alvares do diluculo, eil-o dobrado excavando o chão, ora de sacho, ora de enxada em punho, sacudindo o restolho, peneirando entre os dedos os granulos de terra, ahrrindo regos e construindo os taboleiros paralellos.

O sol já descambou para o poente, e d'esse lado, semi-oculto pelo emmaranhado do extenso arvoredor, enfia pelo lahryntho de troncos e esgalhos um raio de puro oiuro que atea um incendio na floresta.

E' então que do lado opposto annuncia-se por uns tons vermelhos o vulto de uma mulher, a cujas saias, de cór tirante a papoila aconchega-se, arrastando-se antes que caminhando, uma creaturasinha adoravel de helleza rustica.

Vendo approximar-se esse par querido, o camponio, que já adivinharam ser amante e pae, esquece-se pouco a pouco do trabalho, já se não demora em sessar a terra, nem põe o mesmo cuidado em afogar o alfohre; seu peito nu de athleta dilata-se num movimento de longa respiração; e lambendo amorosamente com o olhar a creancita

que doita a trellhar na rolva, elle — o rude, o grosseiro sortinejo, ha pouco tão indifferente ás bellezas do campo, tem nesse momento um sorriso asselvajado de caricia para essa mulher sadia, de gordos braços nus, — para a mãe de seus filhos.

XAVIER MARQUES.

NUMERO DO «INTERMEZZO»

(MEINE)

Do Norte noma montanha
Um pinheiro abandonado
Dormita: cobre-o uma estranha
Capa de gólo amontoado.

Sonha: uma esbelta palmeira
Lhe surge ao longe, do Oriente
Numa montanha altaneira,
Morrendo de sede ardente...

1886 — Setembro.

JOAQUIM DE ARAUJO.

MUSICA E MUSICOS

SOCIEDADE DE QUARTETTO DO RIO DE JANEIRO

Incontestavelmente o incansavel director dos concertos desta já distincta sociedade mereco nossos encomios pela fórma porque organisa e faz executar os programas das suas sessões de musica de camcra. Pode-se dizer que cada sessão tem sido um triumpho para a arte e para todos aquelles que, estimando a musica sinceramente, se têm esforçado para o engrandecimento desta Sociedade, tão promotedora de resultados benéficos para o desenvolvimento do bom gosto pela musica séria.

As familias que assistem ás sessões (o que não lhes é permitido no Club Beethoven) instruem-se ouvindo a boa musica; educam-se nas fórmás classicas; apreciam a nitidez de execução do quartetto e têm occasião de admirar os dois bravos solistas — Chernicchiario e J. Queiroz.

A ultima sessão realizada a 31 de Dezembro proximo passado, apesar da chuva torrencial que cahia desde as 7 horas da noite, esteve esplendida:

Bazzini, Mendelssohn, Ambroise Thomas e outros ornaram o programma, pequeno, mas cheio de bellezas e novidades e que foi ouvido por diminuto numero de pessoas que se julgaram superiores ao máu tempo e resistiram á tentação de assistir a *première do Carioca*.

Em 1875 o Sr. Ugo Bussemeyer tomou conta da cadeira de harmonia do Conservatorio de Musica e ahi esteve até que, em 1881, pelo novo regulamento, foi dispensado d'aquella *prebenda*, sendo nomeado interinamente para substituil-o o Sr. Fiorito, que servio até fim do anno passado.

O que é a quem o Sr. Ugo Bussemeyer ensinou durante o seu tempo de magisterio?

Pode ensinar harmonia quem pretende resolver accordes perfetos e desconhece a differença entre a *triade harmonica* e o *triton*?

O que é a quem o Sr. Fiorito ensinou durante a sua interinidade?

Pode ensinar harmonia quem manda realizar partimentos sem prévio conhecimento da theoria dos accordes (oh!) e que, por consequente, desconhece a methodologia da materia?

Hoje, graças a uma pequena *volta* dada no Regulamento (está nomeado professor de harmonia do Conservatorio o joven e talentoso *mestro* Carlos de Mesquita que, dizem, fez honita figura no concurso *ad hoc*, que teve lugar em Novembro ultimo.

E' possível que ao novel professor, a quem falta ainda a pratica do magisterio

(1) O regulamento marca quatro mezes de prazo para a inscrição ao concurso.

rio, não sejam os resultados do primeiro anno tão satisfactorios, mas temos certeza de que, com a sua bondade e persistencia, dará bons alumnos, comprado assim o governo, quo o nomeou, e fazendo jus á estima e consideração dos que confiam em seu talento.

Será preciso decorrerem outros onze annos para serem preenchidas convenientemente as demais cadeiras em que os resultados são nulos?

Pobre mocidade! Confa nas palavras do Sr. conselheiro Tolentino—*Le monde marche* e quem sabe se—*após dias de amargos tormentos virão dias mais bellos, talvez?*

GALLI-LÉO.

DRAMA FAMILIAR

D. Leonilia, ao entrar na sua alcova, viu o paletot do marido estirado sobre as costas de uma cadeira.

Tinha sido atirado ali por acaso, negligentemente; mas, as dobras que expunha, nas rugas ainda quentes do corpo do dono, que elle patenteava escandalosamente sobre o hombro, nos braços ou nas abas, havia um quer que fosse de humano, de real, do vivo.

Aquellas rugas falavam; falavam pouco em silencio, com uma expressão mysteriosa e muda de retrato.

D. Leonilia interrogou essas dobras do paletot de seu marido, e ellas lhe responderam:

— Examina as minhas algeibeiras. Revisita-as; e todas, uma por uma. Na ultima encontrou um pequeno envelope cor de rosa, sem subscripto. Abrio-o logo, avidamente.

— Donde havia um papelucho.

— *Au Boulevard*, leu ella — Largo de S. Francisco de Paula n. 6.

E mais abaixo:

— *Au Parc Royal*; Largo de S. Francisco do Paula ns. 10 e 12.

E ainda:

— Rua do Ouvidor, n. 53.

E depois:

— *Rua da Quitanda*, n. 66 B e Ouvidor, n. 55. (osquina)

— Ern só o que estava oscripto no tal papelinho.

— Quo diabo significará isto?... disse com seus botões D. Leonilia, já scismando que o marido, o Dr. Caminha, um alto, do bigodões loiros, tivesse feito das suas.

— *Au Boulevard*, Largo de S. Francisco de Paula n. 6; *Au Parc Royal*, Largo de S. Francisco do Paula n. 10 e 12—*Rua do Ouvidor* n. 53 e *rua da Quitanda* n. 66 B e *Ouvidor* n. 55. Não! exclamou a oscamada senhora — Não! Aqui anda coisa, e coisa grossa! O senhor meu marido anda a fazer alguma; ai porém se eu lh'a descobri! Caro n'a pagará.

E, como D. Leonilia era sujeita a flatos, sentiu uma pontada na bocca do estomago e teria cahido de costas, se lhe não accudisse com extrema solicitude o Sr. Leonardo, não o do *Journal de Commerce*, mas um outro, empregado do ditto; quero dizer — empregado do commercio o moço de grande goito para tratar com senhoras fatulentas.

— Quem é o senhor?

— Oh, minha cara senhora, não tenha receio, não sou ninguém; sou o Leonardo, o caixeiro dos Srs. Villa Verde & Nunes.

— Heim? Que diz o senhor?

— Pois V. Ex. ainda não ouviu? Sou o Leonardo! aquelle que no Cluh de S. Christovão obnamam—o fogaririndo das moças... Como é possível que me não conheça, se ainda não ha quatro dias eu vim cá trazer por ordem de seu marido um bello *peignoir* de linho cor de palha, comprado lá em casa?... Espere! Com licença! Ah! Não me engano! E esse! E esse justamente que V. Ex. tem em cima de si; é esse o mesmíssimo *peignoir* que eu vendi ao Sr. Dr. Caminha, e muito em conta, porque, permita que lh'o diga, aqui no Rio de Janeiro, ninguém vende tão barato como nós vendemos lá no *Parc Royal* ou no *Boulevard*; mas...

— Heim?! exclamou D. Leonilia com um roupante de quem dá com a decifração de uma charada.—Heim?! Como é que diz o senhor?! Se me não engano falou eu *Parc Royal* e *Boulevard*? ...

— Mas o joven e loquaz Leonardo, em vez de responder á pergunta que lhe

fazia a Sr. D. Leonilia, já estava de joelhos de frente d'ella, a apspalhar a fimbria das aias, muito empenhado em ver a qualidade da fazenda.

D. Leonilia ia fugir, um tanto revoltada com o caixeiro dos Srs. Villa Verde & Nunes, quando a porta, que ficava por detrás d'ella, abriu-se de repente, e o Sr. Dr. Caminha appareceu, já de bengala em punho e sobranceiras franzidas, os dentes reílados, e cada pedaço de olho que faria tremor pela raiz os dentes do Sr. C. de L. do folhetim do *Journal de Commerce*.

— Mas bem: O Caminha surgiu; D. Leonilia foi-se; e o caixeiro... ficou com medo; branco como as margens d'este jornal.

— Que fazia você, aos pés de minha mulher?! berrou o Caminha.

— Eu estava... eu estava... Ora eu lhe digo, como não?... Engulio em secco, e acrescentando, puxando pela saliva da guelá.— Eu estava apalpando a fazenda do *peignoir*!

— Apalpavas a fazenda, hein, tante? pois eu vou te apalpar as costellas com esta bengala! Ora espera! E a estas horas o pobre do rapaz estaria em panninhos de sal e viuagre se D. Leonilia, mettendo-se entre elle e o marido, não exclamasse, com a voz estrangulada pelo ciume:

— Leia isto, Sr. meu marido, leia isto! E depois saberá porque este pobre moço tinha entre os seus innocentes dedos o babadão do meu vestido.

— Que é isto, senhora?!

— Leia! Leia!

— Elle leu, já com as lagrimas nos olhos:

— *Au Boulevard* Largo de S. Francisco de Paula a. 6; *Au Parc Royal*, Largo de S. Francisco de Paula n. 10 e 12; *Rua do Ouvidor* a. 53 e 55 esquina e *Rua Quitanda* n. 66 B.

— Então?... perguntou ella.

— Então, o que? respondeu o marido assas comovido—

— Que é isto?

— Isto é uma lista das casas de modas, fazendas, armazinhos, objectos de luxo e fantasia dos nossos amigos os Srs. Villa Verde & Nunes.

Ora ahí teas! E' d'essas casas que eu to tenho trazido todos esses objectos de bom gosto com que tens matado de inveja as tuas amigas!

— Ah! suspirou D. Leonilia.

— E agora, por tua vez, diz-me quem é esse sujeito que eacntrei a teu pé?

— Pois não! Este é o caixeiro dos Srs. Villa Verde & Nunes; moço muito distincto, diligente e activo, e a quem vou pedir o obsequio de contar á redacção d'*A Semana* o que se acaba de passar para vergonha tua e *réclame* das casas de modas dos meus freguezes, os Srs.

— Não! seria de mais!

E D. Leonilia não disse o nome dos Srs. Villa Verde & Nunes!

BARÃO LA-RECLAME,

CARTAS DE LISBOA

(Conclusão)

Nas *Historias da montanha* o que o leitor observa immediatamente, o que mais o impressiona, o que mais tem suscitado o reparo dos criticos (com licença...) é a singularidade do estylo. Falamos pois do estylo, da forma; de pois falaremos do fundo.

«Une œuvre d'art n'est pas isolée» — é a primeira affirmação que faz Taine na sua *Philosophie de l'art*; e mais adiante precisa: «L'œuvre d'art est déterminée par un ensemble qui est l'état général de l'esprit et des moeurs environnantes.»

Este principio, que é a synthese do seu livro e a base de toda a sua obra critica, é, (o que não succede a outras proposições da *Philosophie de l'art*) um dos principios fundameataes da esthetica moderna, da esthetica scientifica, positiva, fundada pelos primeiros criticos contemporaneos (1) e formulada na

(1) E' verdade que ainda alguns criticos, os academicos e o publico menos lido em assumptos d'arte, nus por interesse, outros por espirito rotineiro — é outros por ignorancia, não admitem a esthetica moderna, fundada na observação, e seguem a esthetica a priori, a esthetica platoniana, que o academico Sr. Charles Blanc, depois de muitos outros, estabeleceu na sua *Grammaire des arts du dessin*, que é ainda o código artistico *des gens du monde* e cuja influencia nos interesses da arte é

esthetique do Sr. Eugene Veron; e nchase claramente demonstrado nas obras criticas de Taioe e perfeitamente explicado por Bagehot na sua magañica obra *Principes scientifiques du développement des nations*.

Esse principio é, pois, um dos mandamentos da critica moderna, principio que ella deva sempre ter em vista nas suas apreciações, sob pena de produzir juizos temerarios e sem valor, e de dizer disparates. (2)

Para não dizermos disparates, ou melhor, para dizermos os menos possivel — porque a critica não pode ser infallivel e os seus juizos são essencialmente relativos, Villa Veron e Bagehot, vejamos o que nas *Historias da montanha* pertence ao auctor e o que pertence ao seu tempo.

A litteratura moderna, a alta litteratura, a que coastitue forma d'arte, a que se chama realista, naturalista, humanista e não sei que mais, é, como toda a obra d'arte moderna, obra de observação, obra analytica. Isso explica o extraordinario desenvolvimento do genero conto, e o apparecimento de um genero novo, o *croquis* incluído ordinariamente no genero antecedente.

Acampalhando, como não podia deixar de ser, a transformação da natureza da obra litteraria, a forma, o estylo transformou-se tambem. O detalle tornou uma importancia enorme; veio a adjectivação ajndar e compensar a insufficiencia do epiteto; veio a procura do termo proprio, justo, tecnico; e, como nesta faria d'analyse, que é por assim dizer o ar que respiramos, se quem analysar tudo, e por todos os lados, até aos mais subtis ramuscúlos da natureza de qualquer assumpto, appareceu pela primeira vez a phrase curta, mas condensada, dizendo muito em pouco, e que pela sua repetição obriga a um esforço de espirito que atordoa. Nada disso appareceu de repente, mas teve precursores, como tudo o que parece novo; mas dirigido o movimento por talentos robustos e corajosos, apesar dos protestos inevitaveis, em pouco tempo se implantou a nova baasteira, hoje desfraldada aos quatro ventos. E como é costume em todas as revoluções, houve excessos, mesmo da *parti pris*: mas é certo que não se ganharam batalhas com bixas de rabiar.

Ora depois do que lhes disse do auctor das *Historias da montanha*, do seu robusto temperamento de meridional, do sanguineo, e do seu caracter de trabalhador e de artista, parece-me que podemos dizer o que é que o seu estylo é realmente seu.

Esqueceu-me dizer-lhes — mas ainda venho a tempo — quaes são os seus escriptores predilectos, os que elle estuda ou lê mais, os seus mestres, emfim. São Flaubert, os de Goncourt, Taiaes, Zola, Gautier e Balzac; e entre nós Camillo Castello Branco. Mas de todos estes, aquelles com quem elle tem mais pontos de contacto são os de Goncourt e Camillo. As suas ideias sobre estylo são as que os de Goacourt têm sempre praticado e defendido, ainda ultimamente ao prefacio de *Chérie* e que pela primeira vez (creio eu) tinham sido praticadas (e não sei se expostas, mas é provavel) por um escriptor entre todos amoroso da forma de Charles Baudelaire (3). Essas ideias expõe-as o Sr. Moateiro Ramalho na *Palestra esthetica*, com que fecha o seu livro e que se resume nisto: o estylo deve ser *voulu, recherché*, o escriptor deve procurar *faire* — se um *estlylo seu*. Ora este principio é falso, pela razão muito simples de que o que é verdade é que o estylo é a maecira propria de cada um de se esprimir. «Le style, diz E. Veron, est surtout l'impreinte qui l'auteur laisse de lui-même sur son œuvre. Le style étant le simple reflet de la personnalité de l'artiste, se trouve tout aatu-

mais nefasto do que as proprias academias. Todavia esses mesmos criticos, incluindo o Sr. Ch. Blaac, em muitos dos seus juizos desmentem os principios que defendem, e reconhecem os da moderna esthetica, a qual influe d'uma maneira evidente no reaccionamento artistico que se nota cada vez mais nos países adiantados.

(2) Só pelo esquecimento d'aquelle principio se explica, por exemplo, que os auctores do *Mysterio da Estrada de Cintra* escrevessem da moderna geração litteraria portugueza as curiosas coisas que se lêem no prefacio da 2ª edição d'aquelle livro.

(3) Vide o prefacio das *Fleurs du mal* por Th. Gautier e *Dux* no livro de Léon Cladel — *Bonshommes* — extractado na *Vie Moderne*, n. 6 do 1º anno.

llement dans son œuvre, quand l'artiste a une personnalité... «Tout style cherché s'appelle manière», diz elle ainda, como para protestar contra esta phrase falsa los o conrnt: «L'épithète rare — voilà la marque de l'écrivain (*Ides et variations*): Se esta theoria fosse verdadeira, se o escriptor ouguisse os dictamos da razão, em vez de seguir os impulsos do sentimento, a litteratura deixava de ser obra d'arte. Mas é certo que estes mesmos que a defendem não lho obedecem, mas sim as suggestões do seu temperamento, como succede a Courbet anullamento, cuja obra é inferior quando nella apparece o *parti-pris*.

Como os de Goncourt, o Sr. Monteiro Ramalho procura o *epithète rare*, e quando o não tem, inventa-o; como elles, emprega uma adjectivação numerosa, precisando e limitando por todos os lados a significação dos termos; e como elles, e mais accentuadamente, elle procura o periodo sonoro, largo e cadenciado; e como Camillo, emprega como adjectivo o aliterbio em *monte*. Mas emprega tudo isso exuberantemente, excessivamente, numa grande expnação de força, de vitalidade, filha da robustez, do temperamento, caracter tambem evidente e principal das paixens de seu irmão) e natural e habitual em todos os que comem. Assim é que os defectos da litteratura do seu tempo apparecem amplificados e mais evidentemente na obra do Sr. Monteiro Ramalho. A abundancia dos detalhes que fazem a obra fatigante pela falta de pontos importantes e pontos de resposta para o espirito e o excessivo e coatinuação de termos avoos, raros, que incommoda o espirito pela novidade e o obriga a um esforço continuo, que se notam mais ou menos nos mestres, mesmo no maior, no mais correcto, em Flaubert, que levava um din para accever uma phrase, têm nos escriptos do Sr. Monteiro Ramalho uma importancia que chega a ser preponderante algumas vezes, e que ntordea a principio emquanto a gente so não habitua. E' excessivo nos termos, é excessivo na extensão das phrases de odo periodo, é excessivo nas partes das suas composições, que ganhariam muitas vezes com a supressão de um e mais enpitulos. Falta-lho a moderação e a justa ponderação de todas as partes que constituem o conjunto, a composição, que produzem as obras primas, como a *Légende de Saint-Julien l'Hospitalier*, e o *Segundo commendador*. De resto elle conhece a opinião de Camillo (Serões do S. Miguel de Seide, n. 3, pags. 83 e seguintes) e a sua obra aperfeicoo-a gradualmente, estando já hoje muito longe do *Diabo de 1830* (e ha alguns a quem succede o contrario: em vez de andarem para deante andam para traz). E, apesar dos seus defectos, elle accusa uma tão forte individualidade que, a despeito das criticas ineptas e de má vontade, não é difficil notar a influencia do seu estylo mesmo em escriptores que lhe são adversos.

Individualidade? Elle possui-a e robusta, e incontestavel. A architectura vigorosa, granitica dos seus periodos, de um rythmo amplo e musical, uma certa gravidade simples na maneira de contar, a que não é estranha talvez a influencia atavica da sua terra de araes, trabalhados na faina perigosa do Douro, e encravada entre montanhas, que fazem o homem meditativo e concentrado, gravidade que me faz lembrar os *Maitres d'autrefois* de Fromentin, o emprego de imagens de um sabor original, sui generis, e o acabado de termos raros, isto é seus, genuinamente seus, muitas vezes felicissimos, — tudo isso lhe pertence e não deve nada a ninguém.

Um achado, este, por exemplo: «... o sobreiro cortado e torto surge entre os penedos, serenamente sentados pelas encostas empiaadas...»

E mais: «Entretanto, os altos gnões vermelhos, embarrigador pelo vento...»

«... um côro branco e monótono de latins vinha apagado do fim da precisão...»

«A noite era serenamente hella sob as estrelas pestanejantes...»

«... penhascos encastellados, pardacentos e torvos, leprosos d'um misero musgoço tenazmente agarrado, ressequido, churriacado pelas soalheiras...»

«... e sobre um bardo verdejante de vides, pequeninos mosquitos ennovelavam-se zunindo sem fim, dobavam-se numa poeiranta meada colante...»

«... e sobre um bardo verdejante de vides, pequeninos mosquitos ennovelavam-se zunindo sem fim, dobavam-se numa poeiranta meada colante...»

«... e sobre um bardo verdejante de vides, pequeninos mosquitos ennovelavam-se zunindo sem fim, dobavam-se numa poeiranta meada colante...»

«... e sobre um bardo verdejante de vides, pequeninos mosquitos ennovelavam-se zunindo sem fim, dobavam-se numa poeiranta meada colante...»

«... e sobre um bardo verdejante de vides, pequeninos mosquitos ennovelavam-se zunindo sem fim, dobavam-se numa poeiranta meada colante...»

«... e sobre um bardo verdejante de vides, pequeninos mosquitos ennovelavam-se zunindo sem fim, dobavam-se numa poeiranta meada colante...»

«... e sobre um bardo verdejante de vides, pequeninos mosquitos ennovelavam-se zunindo sem fim, dobavam-se numa poeiranta meada colante...»

«... e sobre um bardo verdejante de vides, pequeninos mosquitos ennovelavam-se zunindo sem fim, dobavam-se numa poeiranta meada colante...»

« O gato preto da casa, acordando e levantando-se da cama suave e molle aberta na cinza tepida, espreguiçou-se apressadamente, e poz-se a olhar para todos tres, com unia doçura interessada, admirado de não lhe darem da ceia; andava de roda, submissivo, resbando documento e de rabo alçado... »

« Ao mesmo tempo, a vaga plangencia cingimabulante dos roucos chocallhos de uns machos d'almocrevo... »

« O Sr. Mariano Pina não gostou d'esta phrase. São gostos! Eucharis soberba. Nas *Historias da montanha*, como é natural, predomina a paizagem, a grande arte do nosso tempo. E conhece-se no seu descriptivo que o auctor e um verdadeiro artista, profundamente impressionavel e sabendo bem reproduzir as suas sensações. Abundam no seu livro pedacinhos magnificos de observação, mas são extremamente notaveis: a descripção do comboyto atravessando o tunnel (pag. 96), algumas partes da *Rapaziada*, as *Óces naturae*, *Amores nômades* e sobretudo o *Barco perdido*.

Mas o que constitue o maior merecimento da sua obra, o que manifesta mais poderosamente a sua personalidade é a perfeita concordancia do seu espirito com os assumptos que descreve, o n'sun profunda sensibilidade das coisas que conta, que é a *pierra de touche* do verdadeiro artista. Com effeito sente-se no Sr. Monteiro Ramalho um grande poeta, uia apaixonado da natureza, dos montes, dos amores, da mulher, da carne; sente-se mais n'um amigo da sun terra e da sua gente. Na verdade do dialogo, verdade intuitiva, n'intuição psychologica dos caracteres, na simplicidade de typos, quasi sempre os mesmos, em summa—na sinceridade com que elle descreve a sun aldeia, vê-se que elle a comprehende e que a ama, e que descreve não por uma vista de passagem, mas por que vive lá, da vida de todos os dias, de que ella não é um n'caso, ou um accessorio mas uma parte integrante. Essa feição principalmente psychologica do seu livro é, julgo eu, tambem uma feição do seu espirito. E se não, leiam esse soberbo *Barco perdido*, sem duvida alguma uma das melhores coisas que ultimamente se têm publicado em portuguez, leiam a *Rapaziada*, a *Briga d'amor*, a *Queda*, o *Idyllio rustico*, os *Amores nômades*, a *Paschoa florida* e a *Dalila montezza*. O livro tem ainda mais coisas boas, mas bastavam aquellas para fazerem d'elle uma obra magnifica, uma estrella soberba e a manifestação d'um possante temperamento de escriptor e artista.

Todavia nem todos são d'esta opinioão Beldemonio, o primoroso, estylista do *Aravato* não lhe acha seão defeitos; diz por exemplo que no livro não ha detalhes. O Sr. Mariano Pina, auctor da *Illustração* (porque elle é verdadeiramente auctor d'ella, desde as suas curiosas chronicas e criticas até aos reclaims que em cada numero faz dos numeros passa-dos e futuros) o Sr. Mariano Pina tambem não lhe acha seão defeitos.

São modos de ver... ou de não ver.

EMYGDIO MONTEIRO.

ANJOS

No rasoão do sapato a branca meia P'ra não apparecer pinta de preto; Pisa mais de vagar, porque recia Que possom descobrir-lhe o calofeto.

Mette no bolso rão aureo soneto Em que a misceria mostra-se alma alheia, E vae lecar-lh'o, como se ameleto Fosse, que os corações num encadeia.

Ri-se, e ao pé d'ella o soffrimento esquece, Mas, de relance, nota com tristezza, Que a meia como d'antes reaparece.

E ella, fingindo falta de riqueza, Dobra de affectos, pois que o amor mais cresce Quando os anjos têm pena da pobreza.

J. DE MORAES SILVA.

SPORT

Estiveram animadas as corridas do Hippodromo Guaaabara, no domingo passado.

Esis o resultado: No 1.º pareo (3.200 metros) *Pastor* venceu os seus competidores. *Néné* chegou em 2.º lugar.

No 2.º pareo (1.000 metros) venceu *Castagallo* facilmente em 73 segundos. *Eucharis* em 2.º e *Savana* em 3.º.

No 3.º pareo (1.550 metros) *Nicufy* venceu em 110 segundos e com difficuldade. *Intima* fez brilhante corrida, perdendo apenas por cahenga em 2.º.

No 4.º pareo (1.000 metros) *Pancy* em 1.º. *Frontin* em 2.º e *Castiglione* em 3.º.

Este pareo foi annullado por terem deis animas disparado sem o signal do juiz; correndo novamente deram o resultado acima mencionado.

No 5.º pareo (1.800 metros) *Scylla* em 129 segundos foi vencedora. *Mastin* em 2.º.

No 6.º pareo (1.450 metros) *Catita* com facilidade sahio victorioso em 101 segundos. *La Férthé* em 2.º e *Mastin* em 3.º.

No 7.º pareo (1.150 metros) *Chapeck*, contra a geral expectativa, foi vencedor. *Argentino* em 2.º e *Guacho* em 3.º.

Ante-hontem, 6 do corrente, deu esta benemerita sociedade mais uma corrida, cujo programma foi regularmente preenchido por animas de todas as forças, sendo os pareos hem disputados.

Esis o resultado: No 1.º pareo (3.200 metros) venceu *Néné*. *Macaco* em 2.º e *Boccacio* em 3.º.

No 2.º pareo (1.000 metros) *Argentino* venceu *Chapeck* que chegou em 2.º e reputado muito inferior; *ergo*, houve musica no domingo passado; e *incontastavel*. *Judia* em 3.º.

No 3.º pareo (1.000 metros) *Intima* em 1.º. *Pampa* em 2.º e *Biscata* em 3.º.

Ipon não correu. No 4.º pareo (1.430 metros) *Cheapside* facilmente venceu os seus competidores. *Madama* em 2.º e *Catita* em 3.º.

No 5.º pareo (1.300 metros) *Mastin* foi o vencedor. *La Férthé* em 2.º.

Não correu *Scylla*. No 6.º pareo (1.750 metros) *Pampa* com alguma facilidade venceu. *Biscata* em 2.º e *Villa Nova* em 3.º. *Attila* foi distanciado.

No 7.º pareo (1.450 metros, *Castagallo* com hastante facilidade foi vencedora. *Savana* em 2.º.

Eucharis não correu. Terminou o divertimento na melhor ordem, tendo sido grande a concurrencia.

L. M. BASTOS

THEATROS

D. PEDRO II

No dia 31 do passado a companhia do theatro Sant'Anna representou pela primeira vez *O Carioca*, revista do anno passado, por Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

Uma coisa nos sorprehendeu muitissimo n'*O Carioca*: foi o enredo, o entreccho dramatico, que é o mesmissimo d'*O Bilontra*. Qual é o entreccho d'esta peça? Um tratante (Faustino) procura casar com uma moça que tem um primo que a ama. Faustino começa a fazer *bilontagens* e vae decahindo do conceito da moça e do paer, e por fim vence o primo, que se casa, enquanto Faustino vae procurar a regeneração pelo trabalho.

N'*O Carioca*—um primo (Soares) adora uma prima, que é requeitada por um *bilontra* (Faustino Tavares). Mas o Faustino segundo faz taes tratantadas que decahe do conceito da futura sogra, e, afinal, é o primo quem se casa com a prima. A differença entre os dois entrecchos é apenas esta: n'*O Bilontra* a prima tem só paer; n'*O Carioca* a prima so tem mãe.

De toda a nova revista é isto e que nos parece mais censuravel. Escriptores de theatro, e sobretudo escriptores de revistas como Arthur Azevedo e Sampaio não têm o direito de se reproduzir tão deploravelmente.

No anno passado disaesmos que mais um pouco de audacia não prejudicaria *O Bilontra*; agora poderiamos dizer o mesmo d'*O Carioca*, peça ainda mais, muito mais commedid do que a outra. Talvez entendamos mal, mas estumos convencidos de que uma revista, sendo um commentario satyrico de acontecimentos reaes, é obrigada a satyrisar esses acontecimentos como elles merecem e como foram commentados pela critica do momento em que se deram.

E por lhes faltar o elemento satyrico que nos parecem monotonos e frios muitos quadros d'*O Carioca*.

O anno passado foi riquissimo de acontecimentos *revistaveis*, e os auctores d'*O Carioca* podiam, se o quizessem, fazer uma revista cheia de movimento, de animação e de interesse.

O quadro mais animado e mais interessante é sem duvida o segundo do prologo—*O reino das Finanças*. Ahi, como os auctores quasi não tiveram que fazer satyra, fizeram obra apreciavel, tiveram espirito e graça. Assim o 11.º quadro—*Casa Branca, preparada para receber um illustre viajante*. O 7.º quadro—*O balão Rio de Janeiro atravessando os ares*,—é bem imaginado e produz bonito effeito. O quadro dos theatros, um pouco fraco, brilhou pelo despenpenho.

As honras do desempenho d'*O Carioca*, se attendermos a que numa revista é condição essencial a reprodução de typos conhecidos, couberam em primeiro lugar a Cinira Polonio e a Phebo. Aquella reproduziu admiravelmente Sarah Bernhardt na *Dame aux camelias*; Cuiira conseguiu um prodigio: imitar a voz, a celebrada voz d'or da grande actriz franceza. Em algumas palavras foi de uma rara fidelidade de imitação. A mesma pronuncia, a mesma suavidade de emissão, a mesma deliciosa musica da voz da divina Sarah! E de notar ainda a maneira porque se vestio e a verdade da gesticulação. Mais um pouco de jogo pbistonomico e seria completa.

Phebo imitou tambem admiravelmente o actor Poli, da companhia do Principe Real de Lisboa. Teve os mesmos gestos e a mesma voz guttural e rouca do artista portuguez.

Martins, entre outros typos bem feitos, como o do tenente-coronel da roça, fez com felicidade e muita graça o actor Garnier, da Companhia Sarah Bernhardt. O quadro que mais nos agradou pelo desempenho—e cremos que tambem ao publico, pois foi o que mais o fez rir,—foi o dos theatros, principalmente na scena da *Dama das Camélias*; pena é que Vasques a interrompa de quando em quando, muitas vezes fora de proposito.

Mattos reproduz muito bem o typo physico do Dr. Castro Lopes, e diz com graça muitos annexins e trechos latinos.

Vasques tem um mau papel, commando seja o protagonista. A sua parte não lhe permite dar expansão ás suas actaveis qualidades de actor comico.

Areias tem varios papeis, dos quaes se destaca o do general Arredondo. Lisboa teria um papel magnifico se se dispuzesse a caracterizar-se ne typo que representa.

Silva tambem faz com alguma graça e vivacidade varios papeis, sobressahindo no do senhorio de Tavares.

Mesquita faz como pode o papel de Tavares. Pena é que possa tão pouco. Este actor parece querer ser perpetuamente principiante, apesar de ter tido muito bons papeis. E' sempre o mesmo sujeito agua-morna, inexpressivo e frio.

Rose Villiot tem o primeiro papel da peça; como este é igual ao da princeza Jogatina d'*O Bilontra*, ella representa-o da mesma maneira, e faz bem. Este personagem tem um grande defeito: sendo importante e longo, desapparece repente, sem nenhuma explicação, de forma que a gente fica á espera d'ella até ao fim da peça.

Isabel vae bem no papel de D. Chiquinha. Dolores não conseguiu representar o typo da mocinha pedante e pretenciosa que os auctores imaginaram.

Delmay fez e cantou bem todos os seus pequenos papeis, principalmente o da Companhia do Gaz.

A encenação é magnifica, sendo notaveis os dois quadros do Reino das Finanças, a vista da Aveida da Liberdade em Lisboa (Não se comprehende que esteja o palco vazio; a vista representa aquella avenida na noite em que ella esteve mais cheia, talvez, desde que existe!) O saguão do hospital da Mize-

ricordin não é máu. A viata da cidade de Casa Branca é muito bonita e de muito bom effeito, mas fuisissima. Aquillo nunca foi Casa Branca, nem ha no Brazil casas d'aquelle feitio nem se usaram jamnis aquellas lamulass. A vista do Rocio é infeliz. A apotheseo final é de algum effeito e foi bem imaginada. O que falta a José Bonifacio é uma certa grandezza que os auctores nunca podem cons guir de scenographos.

Da musica destaca-se o tango do *Chumby-Cahena* e tambem noe pareceu bom o numero do *Ataca-Felippe*, caracteristica toada popular do Maranhão, a que o Sr. Gomes Cardim deu improbamente o seu nome.

Os vestuarios são ricos e de bom gosto, sendo de notar os das notas e moedas do segundo quadro.

Eufim, a peça é brilhante, e por vezes tem espirito e bons dictos. E' de suppor que se demore por muito tempo na scena do Sant'Anna, para onde já passou desde terça-feira.

E' o que desejamos aos auctores e ao Heller.

PRINCIPE IMPERIAL

A empreza deste theatro, sob a direcção do estimado actor Machado, fez *repente* da *Filha do Ar*, christmada em *Prinzeza Azulina*. Agradou muito a peça, porque a empreza, tanto quanto lhe permitiram as suas forças, emseurou-se na *mise-en-scène*.

Destacaram-se no desempenho n' actriz Manzoni e os actores Machado, Nunes e Flavio.

RECREIO

Vae-nos dando *O Filho da Noite* emquanto prepara *A Roubadora de crinças*, drama de grande espectáculo.

No dia 14 faz beneficio o actor Domingos Braga.

Além de um drama do repertorio da companhia, será recitada pelo beneficiado a scena comica em verso *Um homem pratico*, original do distincto poeta Soares de Souza Junior.

SANT'ANNA

Está marcado para o dia 10 o espectáculo em beneficio da graciosissima actriz Cinira Polonio, que desempenhará neste theatro mais uma vez a *Canção de Fortunio*.

Entrou em ensaios no Sant'Anna o esperado vaudeville de Aluizio Azevedo—*Os sonhadores*.

O publico vae regalar-se com uma das peças mais espirituosas e de maior movimento que se têm escripto em portuguez; no genero, cremos até que é a primeira tentativa que se faz em nossos theatros.

A musica é de Léon Serpette e Laurant Rillé; a parte que toca a este ultimo é extrahida de *Petit Poucet*, opereta que n'esta occasiao faz as delicias do publico parizienese.

P. TALMA

PARNAZO ALEGRE

FRUCTA COLOSSAL

Sonhei que Deus furou com um dedo o Mundo e, em chelo, Cahio no Inferno o Oceano, enfufuzando o Dinho; E, assim como quem pega um facão pelo cabo, Cum um cometa o Universo abriu de meio a meio.

E em tallhadas o fez,—Deus, o grande nababo,— E d'estas jogou doze ao trovão: —monstro feio,— Doze ao pampieiro, preso em corrente, e o recheio A' borrasca que urtava, arrepiando o hirto rabo l

E, como quem de um fructo un verme desencrava, Pegou-me pelos pés e mostrou-me aos archeiros Celestes. Tudo, rindo, applaudia e bailava!

E, de nuca p'ra baixo, arrojado aos nevotiros Fui. Despertei; e, então, desperto, vi que estava Co'a cabeça p'ra os pés e os pés p'ra os trasessiros.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

FABRICA DE FLORES

É sempre com viva satisfação que assistimos ás festas do trabalho, feitas ou que evidentemente se conhece a perseverança e tino com que são dirigidos certos estabelecimentos industriaes. Referimo-nos á Fabricao de flores, da rua do Passeio, pertencente aos Srs. Ribeiro de Carvalho & C., que em 5 do corrente solemnizaram o 7º anniversario da fundação d'aquelle estabelecimento, no qual cerca de cincoenta orphãs recebem esmerada educação e as noções precisas para mais tarde se tornarem boas esposas e carinhosas mães de familia.

Tanto a sim é, que tres das orphãs empregadas n'aquelle fabrica matrimoniarão-se, no referido dia 5, com empregados e ex-empregados do estabelecimento, dando assim estes actos mais solemnidade á festa.

A entrada do edificio estava vistosamente ornamentada com flores naturais, arbutos e flores artificiaes, trabalhadas primorosamente pelo pessoal da fabrica.

Muitas senhoras o cavalheiros da nossa primeira sociedade enchião os vastos salões, profuamente illuminados; uma excellente banda de musica incitava no prazer das danças, que se succederam ininterrompidamente, sempre animadas, até ás 6 horas da manhã.

Cerca da 1 hora da noite, foi servido um opiparo banquete, em que, a par de uma franca algria, se trocaram os mais amistosos e cordiaes brindes, convergindo elles, na sua maior parte para o distincto industrial director da fabrica, e para sua Exa. esposa a Sra. D. Amelia Augusta de Carvalho, que, com tanto criterio e carinho, se devella, como segunda mãe, na educação e instrução das desamparadas crianças que ali procuram abrigo e trabalho honesto.

Toda a imprensa da Corte se fez representar na sympathica festa, notando-se tambem muitas autoridades e outros cavalheiros distinctos por sua posição no funcionalismo e no commercio que assim ficam habilitados a attestar, de vista, os perseverantes esforços empregados pelos Srs. Ribeiro de Carvalho & C. para fazerem do seu estabelecimento, como já é, o primeiro no seu genero.

D'aqui os saudamos novamente, desejando-lhes que multissimas vezes se repita a commemoração anniversaria da fundação da sua fabrica.

CONGRESSO GYMNASIICO PORTUGUEZ

Esta distincta associação festejou a vespéra de Reis com um esplendido baile a que concorreu grande numero de Exmas. familias, socios e convidados.

A festa principiou pela execução de diferentes exercicios gymnasticos, dessempanhados galhardamente por alguns socios, sendo em seguida entregue ao socio protector, Sr. José Carvalho da Silva, uma rica medalha de ouro, preza em fita encarnada, em attenção aos relevantes serviços por S. S. prestados ao Congresso. Orou por essa occasião o Sr. Edmundo Doux, 1º secretario.

Lueta cein foi pretexto para a troca de animados brindes entre a digna directoria, convidados e representantes da imprensa.

As danças prolongaram-se animadamente até ao romper da manhã, o que sempre acontece nesta sympathica associação.

Agradecemos a gentileza do convite com que fomos obsequiados.

LORGNON.

ESTANCIAS

A aragem que perpassa baloçando Os ramos verdes dos arbustos finos, Faz-me sonbar naquelle tempo, quando se erguia a Primavera modulando Dentro em meu peito uns cançicos divinos.

E vejo então essas manhanas formosas Repassadas de um casto aroma augusto, Embalando as esperanças radosas, Que a miub'alma vastiam, luminosas, Quaes verdes ramos dnm franzo arbusto.

1886 — Porto.

ALBERTINA PARAIZO.

CORREIO

DECLARAÇÃO

Em o numero de 1 do corrente registramos aqui o censuravel abuso de confiança praticado por não se sabe quem com o Sr. Pedro da Matta Machado, de Diamantina, escrevendo-nos com a assignatura d'este senhor uma carta grosseira e offensiva. Pois nesse mesmo numero foi de novo illaqueada a nossa boa fé. O Sr. Ricardo Azamor, a quem repondeu o *Correio* sobre uma carta e uma vereos que *A Semana* havia recebido assignadoe com aquelle nome, proenrou o director da folha para lhe declarar que haviam abusado do seu nome, pois nada nos tinha remetido. *A Semana* sente-se pezarosa de haver, embora involuntariamente, causado áquelles senhores tal desgosto, e dá-lhes as mais amplas satisfações. Para evitar a reprodução de semelhantes factos, que denotam falta de espirito e de educação, resolveu o director d'esta folha que no *Correio* só se publicassem pseudonymos, sendo os nomes indicados apenas por iniciaes.

E' o que faremos d'ora avante.

ENRICO.

FACTOS E NOTICIAS

COMPENDIO DE MUSICA

Recebemos um exemplar do compendio de musica que o applaudido e estimado maestro Miguel Cardoso extrahio da sua «Grammatica Musical» publicada recentemente e que tantos elogios recebeu de toda a imprensa e dos professores.

Este novo trabalho, que é dedicado aos professores de musica do Rio de Janeiro e que vem sem duvida propagar cada vez mais o ensino da musica, satisfaz as exigencias do ensino da theorin rudimentar, tanto mais quanto a exiguidade do preço o põe ao alcance de todos.

Reahrem-se depois d'amanhã as aulas do *Collegio Internacional*, de Santa Thereza, dirigido pelo Sr. E. Gambaro. Este collegio reúne todas as condições pedagogicas necessarias a um estabelecimento de educação de primeira ordem. Os resultados hrihantes dos seus alumnos nos exames geraes attostam as habilitações do seu pessoal docente. O local é saluberrimo e o predio, o antigo palacete do Curvello, tem todas as condições hygienicas. Recommendamos aos Srs. paes de familia o excellent *Collegio Internacional*.

O concerto do pianista Sr. Alfredo Fertin de Vasconcellos, que devia realizar-se hontem, ficou transferido para quando se annuciar, por ter fallecido ha poucos dias um seu presado parente.

No dia 27 do corrente faz annos a Exa. Sra. D. Anna C. Nobrega, digaa esposa do Sr. commendador Lino Rodrigues Nobrega, distincto negociante d'esta praça.

FOLHINHAS E ALMANAES

Os Srs. Silva, Carneiro & C. estabelecidos em Campos com casa de perfumarias e modas, offereceram-nos nma grande folhinha.

O Sr. Felix Torquato de Oliveira, estabelecido á rua do Theatro n. 5 e 7, offereceu-nos uma bella folhinha de esfolbar.

CORREIO DA GERENCIA

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 56, 57 e 63 d'A Semana, a 500 rs. cada um.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos noaos agentes, nos honrarem com as snas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem auas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a pontualidade necessaria.

RECEBEMOS

Da casa editora David Corazzi: — *Historia do Gil Bras de Santilhana*, fascs. ns. 33 e 34; *Fabulas de Lafontaine*, fasc. a. 23, 6 Os *Incivezes de Lisboa*, fascs. ns. 8 e 9. — *Distração* — n. 113. — *Estatutos e Regimento interno do Club Beethoven*. — *Revista de Engenharia* — n. 152. Acompanha este n. um indice dos trabalhos publicados na *Revista* durante o anno findo. — *O Mequetrefe* — n. 431. A pagina central — *Revista do anno de 1886* é magnifica, talvez a melhor que tem sahido do lapis do Netto, e o texto bem escripto e variado. — *Salon de la mode*, n. 51 do 12º anno. — *Le Printemps*, n. 21 do 21º anno. — Ambas estas publicações são aqui distribuidas com a maior pontualidade pela acreditada casa *Au Petit Journal*, dos Srs. Henri Nicoud & C.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde — *Rua do Carmo n. 36*.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pegenha e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da harateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e apparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continua a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

J. M. Villas Boas da Cama, —dentista— extrahé dentes sem dor. Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Hygino Lopes—Barbacena.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, ebimico e oleographo. Rua de Santo Antonio—Santos.

EMULSÃO

SCOTT
DE OILLO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simplee de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicase e reconstituíntes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

Cognac e licôres de Marie Brisard & Roger — Casa fundada em 1755, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Roger são garantidos de pura aguardante de uva, sem nenhuma addicção de outra qualidade de aguardante. Pele-se toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offerecidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Roger. Unicos agentes nesta corte: Karl Valais & C., 34 rua da Alfandega.

ESTERNATO JOÃO DE DEUS

ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO
60 RUA SETE DE SETEMBRO 60

HORARIO
CURSO PRIMARIO
Leitura, calligraphia, contabilidade, arithmetica pratica, portuguez (2ª classe), francez (2ª classe), inglez (2ª classe), geographia do Brazil, noções de geographia geral, historia do Brazil, geometria elementar, cosmographia, desenho linear e elementos de ciencias naturaes... 9-3

CURSO SECUNDARIO
Portuguez..... 12- 1
Francez..... 12- 1
Inglez..... 12- 1
Latim..... 9-10
Italiano..... 9-10
Allemaõ..... 11-12
Geographia..... 1- 2
Historia..... 2- 3
Arithmetica..... 10-11
Algebra..... 2- 3
Geometria..... 11-12
Rhetorica..... 1- 2
Philosophia..... 1- 2
Trigonometria..... 3- 4
Curso annexo..... 2- 3
Sciencias naturaes..... 3- 4
As aulas re-abrem-se no dia 8 de Janeiro.

O secretario,
Alfredo Coutinho

DR. GONZAGA FILHO
CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61
CONSULTAS DE 12 AS 3 DA TARDE
Especialidades:

Fehres em geral, molestias pulmonares e do coração.

ALFAIATARIA AURORA DO RIO
FREIRE & COELHO

131 RUA DO HOSPICIO 131

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO, MORRO DE SANTA THEREZA

Reabrem-se as aulas no dia 10 de corrente. O director d'este estabelecimento, considerando, a grande importancia do ensino primario e suas difficuldades, resolveu encarregar-se, auxiliado por sua Senhora, das aulas primarias de 1º e de 2º gráo: as cadeiras de curso secundario continuam confiadas aos mesmos prevecetes professores que tão bons resultados deram durante o anno proximo passado.

O edificio do Collegio Internacional pôde ser desde já visitado, a qualquer hora, pelas pessoas que desejarem certificar-se da sua situação excepcional no ponto de vista hygienico. A quem desejar colher informações d'este estabelecimento o director fornecerá uma lista dos paes dos alumnos que têm frequentado o collegio desde a sua fundação.

Os estatutos do Collegio Internacional são encontradas nas principaes livrarias.

SPORT FLUMINENSE PRIMEIRA CORRIDA DOMINGO 9 DE JANEIRO AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo — CARRIS URBANOS—1.020 metros—Animas peludados que ainda não tenham ganho.—Premios: 100\$ ao 1º, 20\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

Ns.	NOMES	NATURALIDADE	PESO	PROPRIETARIOS
1	Barigny.....	Paraná.....	52 kilos.....	Coudelaria Argentina.
2	Balbina.....	R. de Janeiro.....	48 ».....	B.
3	Juventude.....	Idem.....	48 ».....	A. M. Lopes.
4	Rabanete.....	R. Grande.....	50 ».....	M. V. Gouvêa.
5	Quem sou eu.....	R. da Prata.....	59 ».....	Mancuel da Silva.
6	Macaco.....	R. Grande.....	54 ».....	M. C.
7	Derby.....	Idem.....	51 ».....	A. P. S.
8	Barão Sebô.....	Rio de Janeiro.....	50 ».....	O. Bastos.
9	Castroto.....	S. Paulo.....	54 ».....	Idem.
10	Malandro.....	R. Grande.....	54 ».....	Coudelaria H. e Gloria.

2º pareo — INDEPENDENCIA — 1.020 metros — Peldro e peldras nacionaes de 3 annos, até meio sangue—Premios: 250\$ ao 1º, 50\$ ao 2º e 3º, libra a entrada.

1	Gilbert.....	R. de Janeiro.....	48 kilos.....	M. C.
2	Vermouth.....	S. Paulo.....	52 ».....	W.
3	Mandarin II.....	R. de Janeiro.....	48 ».....	J. Guimarães,
4	Favorita.....	Idem.....	48 ».....	V. Coitinho.

3º pareo — EMULAÇÃO — 1.600 metros — (grande premio)—Animas peludadas — Premios: 300\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

1	Savana.....	Rio Grande.....	50 kilos.....	J. C.
2	Orione.....	Rio da Prata.....	59 ».....	T. M. de O. Braga.
3	Serodio.....	Rio Grande.....	58 ».....	Cond. Parahyba.
4	Tufão.....	Rio de Janeiro.....	52 ».....	J. M. S.
5	Paulista, ex-Eucharis	S. Paulo.....	50 ».....	Coud. Honestidade.

4º pareo — SPORT FLUMINENSE — 1.600 metros — Animas de paiz de meio sangue — Premios: 400\$ ao 1º, 100\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

1	Gengiscan.....	Rio de Janeiro.....	52 kilos.....	Cond. Campista.
2	Pandora.....	Idem.....	54 ».....	Rodolpho Silva.
3	Pirata.....	Idem.....	52 ».....	Luciano A. Ribeiro.
4	Aurelia.....	Idem.....	50 ».....	M. L.
5	Iumby-Caena.....	Paraná.....	52 ».....	Coud. Honestidade.

5º pareo — EXPERIENCIA — 1.020 metros — Animas peludadas. — Premios: 200\$ ao 1º, 10\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

1	Savana.....	Rio Grande.....	52 kilos.....	J. C.
2	Orione.....	Rio da Prata.....	61 ».....	F. M. de O. Braga.
3	Victoria.....	Rio Grande.....	51 ».....	Z.
4	Paulista, ex Eucharis	S. Paulo.....	50 ».....	Coud. Honestidade.
5	Malandro.....	Rio Grande.....	54 ».....	Idem H. e Gloria.
6	Barigny.....	Paraná.....	52 ».....	Idem Argentina.

6º pareo — SETE DE SETEMBRO — 1.100 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 250\$ ao 1º, 50\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

1	Sans-Souci.....	Minas.....	54 kilos.....	J. C. Moreira.
2	Aurelia.....	Rio de Janeiro.....	50 ».....	M. L.
3	Mulata.....	Idem.....	50 ».....	F. S. B.
4	Iumby-Caena.....	Paraná.....	52 ».....	Coud. Honestidade.
5	Pirata.....	Rio de Janeiro.....	52 ».....	Luciano A. Ribeiro.

Rio, 5 de Janeiro de 1887. — O 1º SECRETARIO, VIRGLIO NETO.

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.
66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

MOVEIS

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS
Objectos de colchoaria, espelhos, aparelhos de porcellana, tapetes, cestas, bolsas, mil objectos de fantasia para adorno de casas etc.

Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quizer visital-a
172 RUA DO HOSPICIO 172
David José de Oliveira

GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

5\$000 por anno — 500 rs. n. avulso (Pagamento adiantado)
Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.
PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recehem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

DEPOSITO E OFFICINA DE PIANOS

DE

Alfredo Fertin de Vasconcellos, professor de piano

Pianos novos de Pleyel, Erard, H. Herz, Bord, Gaveau, etc. Compra, troca, vende em segunda mão.

AFINAÇÕES E CONCERTOS GARANTIDOS

BOM SORTIMENTO DE PIANOS PARA ALUGAR

25 RUA DO CARMO 25
RIO DE JANEIRO

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado